

28 de maio de 2020

Boletim n.50 - Ciências Sociais e coronavírus

O boletim n.50 coloca em perspectiva diferentes interpretações de base religiosa acerca da pandemia que têm tomado corpo nos últimos meses. *Réia Sílvia Pereira (UFJF)* nos traz o relato de Maria¹, evangélica, profetisa, moradora de uma favela de Campos dos Goytacazes, e sua interpretação acerca das posturas de Jair Bolsonaro, presidente brasileiro, diante da crise sanitária, mostrando que o setor evangélico, ao contrário do que se costuma pensar, é diverso e heterogêneo. Já *Alejandro Frigerio (CONICET)* recopila diversas leituras apocalípticas ou catastróficas que emergiram no contexto argentino sobre a pandemia de Covid-19, que tensionam a relação entre ciência e religião, para pensar as interpretações e percepções sobre a pandemia, e as conjecturas de um mundo pós-pandêmico.

“O vírus é de Deus, mas o presidente não pensa na saúde do povo”: sobre sofrimento, doença e teodiceias.

Por Réia Sílvia Gonçalves Pereira

Figura 1: Muro da localidade de moradia de Maria



Fonte: arquivo pessoal

Neste texto, trago o relato de Maria², uma mulher de 41 anos, de pertença pentecostal e moradora de uma favela de Campos dos Goytacazes, norte do Rio de Janeiro, onde atuo como pesquisadora. Em seus relatos, Maria conta como está vivenciando a quarentena. Entre a crença da origem divina do coronavírus e a preocupação pela

¹ O podcast Cientistas Sociais e Coronavírus n.7 traz o relato de Dona Maria <https://anchor.fm/cienciassociaisecorona/episodes/Ciencias-Sociais-e-Coronavirus---Dona-Maria-eef955>

² Nome fictício

preservação da saúde, Maria encontra novas possibilidades de exercício da crença longe dos templos. Atenta às disputas políticas travadas no período, contesta a postura do presidente Jair Bolsonaro na condução da crise sanitária. Maria apresenta algumas das controvérsias entre os evangélicos nos tempos de pandemia, colocando em perspectiva os conceitos de teodiceias (Das, 2008).

Integrante de uma das dezenas de igrejas pentecostais situadas na localidade onde mora, Maria teve a rotina alterada com a propagação da doença. Devido à suspensão dos eventos religiosos, Maria adaptou suas práticas devocionais. Antes, acostumada a frequentar os cultos cerca de quatro vezes por semana, Maria tem um cargo destacado na hierarquia da igreja. É uma diaconisa, responsável pela supervisão dos cultos. Maria também é considerada uma profetisa. Durante os rituais, é ungida pelo dom da “revelação”, o que lhe garante o saber profético de dizer sobre o futuro.

Seu reconhecimento como profetisa ultrapassa os muros do pequeno templo em que congrega. Antes da pandemia, ao circular pelos estreitos becos da favela, a religiosa era procurada pelos vizinhos para que fizesse orações de cura contra supostas feitiçarias e invejas.

Com a decretação do isolamento social e a partir do conselho de uma assistente social, Maria, que é diabética, pouco sai. Atualmente, lê a bíblia com os seis filhos na casa de quatro cômodos. Eventualmente, recebe a visita de algum vizinho para receber suas orações. Também assiste às *lives* de cultos.

Embora acredite que a doença seja uma forma de “correção” divina para que “o povo volte à santidade”, Maria defende a quarentena e critica as últimas ações do presidente Jair Bolsonaro.

Eu vejo o presidente com um pouco caso em relação ao povo. Ele vai nas entrevistas e fala que o povo está muito apavorado. Como se essa doença fosse uma coisa não muito grave. E a gente sabe que é grave. Eu vejo que ele não está agindo como deve agir. Acho que é pela própria índole dele (informação verbal)³

Sobre a demissão do ex-ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, Maria enxerga uma suposta postura autoritária do presidente: *“Isso de ele ter despedido o outro ministro foi porque ele não estava aceitando sair do isolamento (...) Eu vejo que ele não está pensando na saúde do povo”* (informação verbal).⁴

Maria não é um “retrato” dos evangélicos. Ao contrário disso. Suas posturas demonstram como o campo religioso é complexo. As opiniões da religiosa apontam que os adeptos não formam um bloco homogêneo e muito menos são justas as comparações

³ Entrevista com Maria, obtida em 20 de abril de 2020

⁴ Entrevista com Maria, obtida em 20 de abril de 2020

comuns, mas preconceituosas e apressadas, de que os evangélicos formariam um “rebanho de ovelhas” sem criticidade.

Percebe-se tal criticidade justamente porque as posturas de Maria contrariam o esforço de aproximação do presidente aos religiosos. Nessa estratégia, contando com a adesão de líderes de grandes denominações como Silas Malafaia e Valdemiro Santiago, Bolsonaro chegou a conclamar um jejum nacional contra a pandemia na semana da Páscoa.

Prática religiosa comum entre os pentecostais como Maria, o jejum é instrumento que possibilitaria ao crente um fortalecimento de sua fé na luta contra o mal, travada cotidianamente. Essa luta diária é o que os religiosos chamam de batalha espiritual. Por essa teologia, o mundo estaria em uma constante peleja entre representantes do bem, os anjos, e entre os demônios. Nessa racionalidade, Deus, onisciente, permitiria que, por vezes, o mal afligisse os humanos para testar a fé. É por acreditar na batalha espiritual que Maria interpreta a pandemia de coronavírus como fruto da “vontade de Deus”. Ao conclamar o jejum, era aos cristãos conservadores conhecedores da batalha espiritual que Bolsonaro acenava. Possivelmente, seu intuito era se colocar como um guerreiro da batalha espiritual

Maria chegou a fazer o jejum, mas ressalva: *“Eu jejei, mas foi pelo Brasil, não pelo presidente. Acho que falta para ele sinceridade”* (informação verbal)⁵. Se com o jejum a intenção de Bolsonaro era se colocar aliado dos pentecostais na batalha espiritual, pelo menos para Maria, o intuito falhou. Se para Maria faltou sinceridade na atitude do presidente, outros tantos evangélicos continuam a compor sua mais forte base (ALMEIDA, 2019), mas o que os depoimentos apontam são a heterogeneidade e fissuras desse apoio.

Muitas dessas fissuras ao apoio a Bolsonaro se relacionam com o modo como Maria experiencia a fé. Como dito, concorda com a origem divina e espiritual da doença. Entende que suas orações, mesmo longe dos templos, são importantes na batalha contra a doença (PEREIRA, 2018). *“O povo tem que clamar o nome de Deus para sarar nossa terra. Até hoje o homem não encontrou um remédio, uma vacina. Então, temos que colocar todos os dias os joelhos no chão e clamar ao Senhor”* (informação verbal)⁶.

Contudo, mesmo em suas crenças, Maria demonstra que entende as veleidades das relações das políticas dos homens. Compreende que, mesmo na origem espiritual da Covid-19, a saúde e a vida do povo estão nas decisões humanas.

Argumento que o relato de Maria coloca em relevo as reflexões de Veena Das (2008) sobre teodiceia. Com o conceito, apropriado pela autora de Leibniz e Weber, Das reflete sobre as justificativas para o sofrimento. Primeiramente em Weber, percebe-se no autor o esforço em se debruçar sobre a ideia de teodiceia ao formular que a racionalização das religiões possibilitou uma “explicação” para a injustiça (Das, 2008). Deus permite o

⁵ Entrevista com Maria, obtida em 20 de abril de 2020

⁶ Entrevista com Maria, obtida em 20 de abril de 2020

sofrimento. Essa é a grande teodiceia das religiões. Em suas reflexões, porém, Das concebe que o Estado também se apropria jurídica e burocraticamente do sofrimento coletivo em nome de um projeto de sociedade. Um sofrimento pedagógico. Uma teodiceia secular (Das, 2008).

Dessa forma, me parece que Maria, ao questionar a índole do presidente pelo “pouco caso” à doença e, ao mesmo tempo, conceber a epidemia como obra de Deus, negocia com as duas possibilidades de teodiceias. Uma negociação possível. Mas, para Maria, o sofrimento permitido por Deus se legitima. Quanto à apropriação do sofrimento pelo Estado investido pelo nome do presidente, Maria contesta. Em sua visão, o descaso à saúde do povo não se justifica. Nem mesmo como teodiceia.

Figura 2: Viela da localidade de moradia de Maria



Fonte: arquivo pessoal

Réia Sílvia Gonçalves Pereira é Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Referências bibliográficas:

ALMEIDA, RONALDO DE. Bolsonaro President: Evangelicals, Conservatism, and Political Crisis. *Novos estudos CEBRAP*, v. 38, n. 1, p. 185-213, 2019.

DAS, Veena. Sufrimientos, teodiceas, prácticas disciplinarias y apropiaciones. *Sujetos del dolor, agentes de dignidad*, p. 437-458, 2008.

GONÇALVES PEREIRA, Réia Sílvia. "Juventude é curtição, o problema é se Jesus voltar": cultura funk, pentecostalismo e juventudes nas camadas populares. *Religião e Sociedade*, v. 38, n. 3, 2018.

MARIZ, Cecília Loreto. *A teologia da batalha espiritual: uma revisão da bibliografia*. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, v. 47, n. 1, p. 33-48, 1999.

La vida fuera de balance*: La pandemia como castigo

Por Alejandro Frigerio

La pandemia parece haber reavivado la tensión entre ciencia y religión – macrorelatos sobre el mundo cuyo límites son más difusos en discursos sociales de lo que se supone. Aunque pueden visualizarse como complementarios y refiriéndose a diferentes dimensiones de la realidad, durante esta pandemia las posiciones parecen haberse radicalizado.

Médicos y biólogos aparecen en los medios brindando diagnósticos y vías de acción que pueden contradecirse con las propuestas por los religiosos. La prohibición de, o por el contrario la necesidad de continuar con, cultos colectivos es una de las diferencias principales. La etiología y las posibilidades y medios de cura de la enfermedad también pueden ser otro punto de desencuentro: algunas religiones más adaptadas a coexistir con el discurso biomédico le ceden prioridad explicativa, otras, envalentonadas por su sintonía con discursos gubernamentales – como puede ser el caso de algunas iglesias evangélicas en Brasil – reivindican la eficacia del poder curativo de sus agentes espirituales.

Entrelazado con los discursos científicos y religiosos aparece otro marco interpretativo cuya popularidad sugiere que resulta significativo para dar sentido a los acontecimientos actuales. Entremezclando religión, ecología y análisis social en disímiles proporciones (de acuerdo con cada caso) este marco muestra claras dimensiones *milenaristas*, asoma en diferentes ámbitos y está enunciado por distintos actores sociales. Con lecturas en claves disímiles, *siempre resalta sin embargo los cambios sociales radicales y globales que sobrevendrán como consecuencia de la pandemia.*

Según esta narrativa, a la manera del mítico Thanos del universo Marvel cuyo discurso sobre la necesidad de matar a media humanidad fue popularizado a través de las películas *Avengers Infinity Wars* y *Endgame*, el Sars-CoV-2 parece haber llegado para instaurar un nuevo "balance perfecto" en una tierra que ya no estaría soportando la depredación y la irresponsabilidad humana. La idea de una mutación planetaria admite lecturas tanto *utópicas* como *distópicas* y puede leerse de al menos tres maneras: como *regeneración* en clave ecologista/panteísta, como *castigo* en clave teísta de un dios personal, o como *cambio social* radical, desde un marco más sociopolítico y menos religioso.

En los grupos de Facebook de practicantes de religiones afro-brasileñas en Argentina, muy temprano apareció la idea de que la pandemia se podría deber a que el orixá regente durante el 2020 (según el batuque, la modalidad afro-riograndense que se practica aquí) es Xapaná, la deidad de las enfermedades. Las discusiones enfatizaban ora su poder para causarlas ("*no le ofrendamos como debíamos, de ahí su castigo*") ora su poder para curarlas ("*orixá no enferma, orixá cura*"). En las redes sociales afroumbandistas se hizo

bastante popular una versión intermedia, vehiculizada a través de dos fábulas⁷, que señalaban cómo Xapaná producía una "transmutación"⁸ necesaria para nuestro planeta:

"Hay un hombre cubierto de paja, pasando por nuestros hogares demostrando que no hay nivel económico que alcance (...) La madre naturaleza lo estaba esperando..! Ella necesitaba curarse de la pandemia más grande que es la raza humana. Los animales festejan, las aguas están claras, el aire se está desintoxicando, el hombre está con miedo (...) Xapana empezó a danzar desparramando para cada uno lo que merecemos."

Las interpretaciones de estas fábulas oscilaban entre una lectura en clave ecologista y otra en clave más "abrahámica", según la cual Xapaná - cual dios colérico del Antiguo Testamento - "castigaba" a quienes actuaron mal, ya sea individual o colectivamente.



O Senhor das Palhas traz a cura para o mundo. Atoto Obaluaie - Artista Fabio Vieira
(<https://www.instagram.com/fabiovieiravisual/>)

La visión abrahámica de la pandemia como castigo divino que, previsiblemente, encontró defensores entre grupos fundamentalistas cristianos y ortodoxos judíos en diversos países, no tuvo entre los evangélicos argentinos demasiada repercusión – probablemente por la fuerte y temprana intervención del gobierno argentino en el tema,

⁷<https://www.facebook.com/maeoba.africana/photos/p.2636863096543857/2636863096543857/?type=1&theater>
⁸<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2620605071595234&set=a.1478675252454894&type=3&theater>

que desincentivó otras explicaciones que no fueran la biomédica, haciéndolas aparecer como socialmente irresponsables. Una diputada "provida", sin embargo, no perdió la oportunidad de sugerir que la pandemia era un castigo divino por la predisposición enunciada por el gobierno para sancionar medidas pro-aborto legal y gratuito:

"Quisieron legalizar la muerte y la muerte vino a visitarlos... el virus no afecta a niños y tuvieron que suspender la ley de asesinato gratuito y seguro... casualidad?" (twitter de la diputada por Santa Fe, Amalia Granata)⁹

La idea de una tierra que necesitaba regenerarse se transmitió también de manera menos explícitamente ligada a lo religioso en redes sociales a través de los numerosos *fakes* que exageran o directamente inventan la "vuelta" de los animales a distintas ciudades alrededor del mundo. Apareció también en discusiones en grupos facebook de tarot¹⁰, y figuró también en un video viralizado de una vidente española¹¹ que habría predicho la pandemia en diciembre:

"Habrá un antes y un después porque la tierra va a hacer una reestructuración y nos va a poner en nuestro sitio (...) la tierra necesita 40 días de descanso, el mundo entero porque hemos destrozado el planeta, va a bajar la polución y los mares estarán muchos más limpios" (...) "El universo lo tiene todo planificado y cuando ve el egoísmo de las personas, que no respetamos a la madre naturaleza ni a los animales ni al oxígeno que respiramos, nos va a castigar. Va a decir 'no puedo más, en 2020 os voy a parar 40 días'. (...) Va a haber un antes y un después de esto. El mundo entero va a ser un año donde todas las almas nos vamos a unir (...)" (Nube de María, guía espiritual).

Numerosos medios de comunicación discutieron el caso, y aunque se probó que el video no había sido emitido en diciembre como se pretendió, el mensaje de catastrofismo ecologista le dio credibilidad y difusión masiva a la "predicción".

En una variante más apocalíptica que utópica, las creencias milenaristas se hicieron patentes en otra *fake news*, ahora de una profecía adjudicada a Nostradamus, que circuló con un símbolo que el profeta habría dibujado para acompañarla, y que coincidía sorprendentemente con la forma del SARS-Cov-2. La profecía¹² - que luego se probó no estaba entre las suyas - supuestamente hacía referencia a una Roma devastada:

⁹<https://www.tiempodesanjuan.com/espectaculos/2020/3/15/el-polemico-mensaje-de-amalia-granata-quisieron-le-galizar-la-muerte-la-muerte-vino-a-280481.html>

¹⁰ <http://www.diversidadreligiosa.com.ar/blog/tarot-y-pandemia/>

¹¹ <https://www.cronica.com.ar/info-general/La-fake-news-de-vidente-que-predijo-40-dias-antes-la-pandemia-del-coronavirus-20200416-0042.html>

¹² <https://www.infobae.com/sociedad/2020/03/16/coronavirus-y-otras-predicciones-que-dijo-realmente-nostradamus-sobre-el-ano-2020/>

"Y en el año de los gemelos / Surgirá una reina / Desde el Oriente / Que extenderá su plaga / De los seres de la noche / A la Tierra de las siete colinas / Transformando en polvo / a los Hombres del crepúsculo / Para culminar en la sombra de la ruindad".

El sentimiento apocalíptico también se vio reforzado por los numerosos testimonios y videos que circularon en redes sociales y Youtube sobre "*sonidos extraños en el cielo*", que no pocos compararon con un "*sonar de trompetas*".

Last but not least, una fuente nada desdeñable de profecías (cuasi?) apocalípticas provinieron de un sector más letrado y prestigioso, el de los "falsos profetas de la pospandemia"¹³ como los denominó el sociólogo argentino Silvio Waisborg. Son los sociólogos, filósofos o intelectuales de renombre que pronosticaron cambios sociales radicales que sobrevendrán como consecuencia de la pandemia.

Como han puesto en evidencia los críticos¹⁴ de algunas de las intervenciones compiladas en el libro "*Sopa de Wuhan*"¹⁵, la información disponible es aún insuficiente para postular mutaciones radicales en las sociedades o en los actuales sistemas de producción. Hoy, predecir resulta aventurado y un oficio no muy distinto al de los profetas apocalípticos.

* La expresión "vida fuera de balance" remite a la película *Koyaniskaatsi* (palabra que quiere decir precisamente eso en idioma Hopi) que se hizo popular durante los 80s y que mostraba impactantes escenas de cómo la tecnología y la vida industrial afectaban al individuo y al planeta.

Alejandro Frigerio es Investigador Principal del CONICET en el Instituto de Investigaciones de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad Católica Argentina. Es profesor en dicha universidad y en FLACSO Buenos Aires. Coordina la red DIVERSA - Red de Estudios de la Diversidad Religiosa en Argentina.

Estes textos são parte de uma série de boletins sequenciais sobre o coronavírus e Ciências Sociais que está sendo publicada ao longo das próximas semanas. Trata-se de uma ação conjunta que reúne a Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS), a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), a Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e a Associação dos Cientistas Sociais da Religião do Mercosul (ACSRM). Nos canais oficiais dessas associações estamos circulando textos curtos, que apresentam trabalhos que refletiram sobre

¹³ <http://revistaanfibia.com/ensayo/los-falsos-profetas-la-pospandemia/>

¹⁴ <https://www.tierraadentro.cultura.gob.mx/el-opportunismo-del-pensamiento-critico-sobre-sopa-de-wuhan/>

¹⁵ <http://www.medionegro.org/pdf-sopa-de-wuhan/>

epidemias. Esse é um esforço para continuar dando visibilidade ao que produzimos e também de afirmar a relevância dessas ciências para o enfrentamento da crise que estamos atravessando.

A publicação deste boletim também conta com o apoio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC/SC), da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE), da Associação Nacional de Pós-Graduação em História (ANPUH), da Associação Nacional de Pós graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (Anpur).

Acompanhe e compartilhe!

